

# Modelos e outros Contos

Leandro Andrade



Modelos e outros contos  
Leandro Andrade

Revisão. Norma Silva

Arte. Tiago Spina

2008

# Agradecimentos

À minha família por todo o apoio que dá para esse filho “artista”.

Ao Rei e a todos que me incentivam a escrever.

Ao Tiago Spina, pela arte que ilustra esse livro eletrônico.

Prefácio.....	05
Modelos #1.....	06
A máquina de Newton.....	07
Modelos #2.....	10
Respeitem a natureza.....	11
Modelos #3.....	13
O encontro.....	16
Modelos #4.....	18
A assistente da dentista.....	19
Modelos #5.....	21
Um caso pegajoso.....	23
Modelos #6.....	25
Algumas mulheres.....	27

# Prefácio? Sim! Um prefácio! Breve,

# Mas Ainda Sim Um Prefácio!

Pode-se estranhar o lúdico nos contos que seguem! O Autor tem a segurança e o controle da narrativa. E o lúdico surge na forma despojada com que os temas são tratados. No entanto, não se trata de nada disso! Nem venham com virtuosismos! Não há isso aqui! É a experiência da capacidade de contar uma história que vai além do meramente simbólico, e cutuca o óbvio, e ainda constrói em cima dos preconceitos. Em alguns instantes, lembra uma nova forma de um novo naturalismo, mas noutros momentos ele nega tudo isso, transitando para uma nova possibilidade sugerida por outro tema. É. Trata-se, portanto, de um contista inquieto. Mas um contista que imagina os traços nos rostos dos leitores, e brinca com esses traços, a cada palavra chega a percebê-los a transformar-se com alguma palavra que propositadamente perturba. Ele excita seus personagens para que vão ao limite dos instintos básicos, e deixa-os despídos ante os olhares dos leitores. E os traços de insatisfação, perplexidade, e repulsa a transmutarem-se nos rostos de alguns leitores, ou de todos... E o nosso contista sente que seu dever foi cumprido. Não é anormal que ele conviva com críticas imediatistas, tais como machista, homófobo, ou pervertido, no entanto nada o perturba, ele sabe o que motiva essas análises. Na verdade, ele força essas análises. Ele gosta delas, ajudam a mascarar a si mesmo, e a revelar os outros. E de volta ao lúdico, que talvez esteja no brincar com as reações adversas dos seus contos, e não com eles em si. Portanto o início deste prefácio talvez esteja certo: Pode-se, se quiser, estranhar o lúdico nos contos que seguem! Na verdade tudo é possível! Assim como os personagens que de perto serão seguidos: modelos, garanhões, mulheres simples, cafajestes... todos num só personagem, ou um pouco em todos... O que importa, na grande verdade necessária, é que estas palavras são apenas para apresentação desse ótimo contista, e de forma alguma substituem a leitura dos contos que aí estão à sua espera. Sendo assim, vamos a eles. (Mesmo sabendo que, pela busca da brevidade, não citei o seu sutil humor levemente corrosivo)!!!

Rei I. Mundo

**Rei I. Mundo é o bat-nome de Reinaldo de Souza, mais-ou-menos-poeta e contista bem mais que menos. Se vasculharem a net com algum facilidade encontrarão algum trabalho do mesmo. Isso é tudo, Meritíssimo!**

# Modelos #1

Loira, linda e cobiçada, sua cabeça começava a mudar em face de todas as adulações. Toda cortesia profissional que agora recebia o tratamento de estrela internacional, diferente das portas na cara de várias agências na sua terra natal no começo de carreira. Apesar de ser o rosto mais lindo daquele hemisfério, achavam-na estranha demais por possuir três mãos, o que se depreendia em consequência disso é que tinha três braços.

Depois de tantas fases e ciclos no mundo da moda, finalmente o supra-sumo do moderno dessa semana, o extra-contemporâneo, era o fenômeno *alien chic*. Sim, quanto mais bocas e membros sobressalentes melhor. Algumas haviam até implantado, modestamente sem acreditar muito que a febre pegaria com força, alguns dedos a mais nos pés, agora havia até transplantes mais ousados como os de olhos.

Claro que, depois de ter atingido o ápice, a moda obviamente desvaneceu, dando lugar a alguma coisa menos exótica, mais terrena e corriqueira, como pessoas vítimas de ataques de tubarão. Logo todas aquelas criaturas, aqueles seres aberrantes que tinha tido seus minutos de fama e glória, teriam que se ajustar a um mercado recessivo para a onda *freak people*. Pouco trabalho, disputado a unhas e dentes, muitos deles bem afiados e portadores de venenos inclassificáveis.

Como ela era muito bela e extremamente insubstituível, tratou de se submeter a uma delicada intervenção cirúrgica para extrair o braço extra a conselho do empresário e do dono da agência. Voltou a brilhar nas passarelas e editoriais de revistas de moda, contudo sentia que faltava algo em sua vida, não era mais uma pessoa completa.



# A máquina de Newton

Entrou sorrateiramente, na madrugada, no laboratório de Newton. Sim, o próprio. Soubera que o famoso cientista trabalhava em algo grande que escondia de seus colegas da Real Sociedad. Não imaginava o que poderia ser o volume oculto por baixo de um grande lençol. Um maquinário que nunca tinha visto antes parecia uma carruagem com grandes alavancas.

Sentou no espaço destinado ao condutor, se fosse aquilo um meio de locomoção. Olhou os mecanismos com curiosidade e não sabia o que fazer. Imóvel daquele jeito não parecia ser de grande serventia para a humanidade. Quando ia descer do aparelho, perdeu o equilíbrio e acabou acionando uma das alavancas.

O cenário científico se transformou, em um clarão, numa paisagem urbana como ele nunca tinha visto. Grandes torres, pessoas com pressa andando em trajes estranhos, carruagens feitas de lata em movimento sem o auxílio de tração animal e nada do verde que caracterizava a sua cidade. Atrapalhando o trânsito estava sua máquina e, para evitar ser atingido pelos veículos que vinham em sua direção, desceu dela.

- Onde estou? perguntou para uma mulher que falava ao celular. Essa nem se dignou a responder. Perguntou para outro sujeito. A resposta o desconcertou. Ocorreu-lhe de perguntar o ano, mas o homem já se afastara. Perguntou para outro transeunte. A resposta o deixou ainda mais chocado.

- Uma máquina do tempo! Era isso!

Sentia sede, precisava de álcool para pôr os pensamentos em ordem. Tinha umas moedas de ouro nos bolsos. Pensou nas possíveis mudanças no sistema financeiro. Foi até uma loja de penhores onde conseguiu dinheiro o bastante para se viver bem por alguns dias.

Percebeu que suas roupas eram diferentes demais das de outras pessoas e precisava fazer algo a respeito. Entrou numa loja GAP, comprou jeans, jaqueta de couro e camiseta, diminuindo assim seu estoque monetário. Em seguida se dirigiu até um pub. Sentou ao balcão, e o barman trouxe um caneco de cerveja. Experimentou o líquido amarelado e estranhou a temperatura.

- Mas isso está gelado!

- Se preferir, te sirvo um mijo bem quente, disse um freqüentador sentado ao seu lado.

- Cale-se, Clyde!, disse o barman.

- Me paga uma, estranho?, indagou uma loira que se sentou do seu lado.

- Certamente que sim, nobre donzela! Qual é o vosso nome?

- Joyce.

Depois de beberem por mais algum tempo, ela se acostumou com o jeito arcaico dele se comunicar. Sugeriu que saíssem de lá. Por idéia dela também foram até sua casa não muito longe dali.

Lá ele teve uma pequena amostra do sexo descompromissado do nosso século e não poderia dizer que não gostou.

Considerou incrível a desnecessidade da corte prolongada, de todos os jogos de amor para a obtenção de favores sexuais. Pensou que se tratava de uma prostituta e não se importava com isso. Quando iam recomeçar uma nova rodada erótica, escutaram um barulho na porta do andar de baixo.

- Rápido, você precisa sair daqui!, disse ela, jogando as roupas para ele.

- Devo-te algo pela magnífica tarde de prazeres?

- Seu filho da puta, eu não sou uma vagabunda.

Nisso entrou o marido de Joyce no quarto. Ele correu atrás do visitante de séculos passados.

- Se entendi bem, o senhor gostaria de um duelo para reabilitar sua honra?

- Duelo o teu rabo. Eu vou te matar é agora.

- Pega ele, meu amor! Me chamou de puta!, incentivava a esposa infiel.

Depois de correr como um louco até faltar o fôlego e escapar do marido ultrajado, pensou em algo que ainda não tinha lhe ocorrido, como faria para retornar para casa. A máquina ficara para trás naquela avenida movimentada. Com certa dificuldade conseguiu encontrar o ponto exato aonde chegara ao tempo presente. Descobriu que sua máquina do tempo havia sido confiscada pelo departamento de trânsito.

- E como faço para chegar a tal depósito, senhor?

O dono da banca de revistas explicou-lhe o caminho, o metrô a tomar e que precisaria de dinheiro para reaver aquele trambolho. Chegou ao depósito em trinta minutos. Interpelou o guarda na guarita e foi indicado que falasse com o sargento Mulwrony na recepção.

Recebeu desse um formulário para preencher. Quando chegou ao campo "data de nascimento", não se conteve e riu sozinho. Devolveu a papelada preenchida para o sargento e foi informado do valor da multa por ter abandonado a estranha engenhoca. Mesmo sem dinheiro, pediu para ver a máquina do tempo.

- Deixe-me ver se há avarias nela.

- Vá em frente, disse secamente Mulwrony.

Sentou-se atrás dos controles e começou a mexer nas alavancas de forma aleatória. Nada! Nem um blip que o mandasse de volta ao seu tempo.

- Ei, agora saia daí!, ordenou o sargento.

- Apenas mais um instante.

Ele continuou a mexer feito um maníaco nas alavancas e nada ainda acontecia. Para espanto de Mulwrony, o aparelho e seu ocupante desapareceram em uma fração de segundos.

- Tenho de parar de beber!, falou o policial. Podia jurar que...

Assim que parou de esfregar os olhos a máquina reapareceu na sua frente. O viajante do tempo estava de volta ao presente após uma breve estada em um período que não soube precisar qual era.

- Desça já daí!

- É uma máquina do tempo, não vê? Caso não acreditas, senta-te aqui e testemunha com teus próprios olhos!

- Mas com todos os diabos!, praguejou o sargento, puxando o estranho pelas roupas e o algemando contra um carro apreendido estacionado no pátio.

- Máquina do tempo?! Conta essa pro diretor do sanatório, seu lunático, que é pra lá que você vai.

Mesmo com toda a convicção de quem fala a verdade, não conseguiu dar provas de sua sanidade ao psiquiatra que cuidou do seu caso. Afinal quem em sã consciência acreditaria em histórias fantásticas de viagens no tempo? Ficou algum tempo recluso na ala dos mais perigosos.

Ninguém acreditava que o aparelho realmente fizesse o que ele alegava fazer, mas, por via das dúvidas, uma equipe do serviço secreto ficou encarregada de fazer experimentos. Eureka! Descobriram como controlar aquela complicada geringonça, era possível chegar a uma determinada data com uma margem de erro de seis horas. Logo ele foi reabilitado perante a sociedade.

Participou de dezenas de programas de entrevistas, contratou um empresário. Arriscou-se na carreira musical com um disco que foi sucesso de vendas. No entanto, algo lhe faltava. Tinha saudades de seus contemporâneos, das festas na corte, da caça à raposa, das frondosas macieiras do quintal de Newton.

Transformou todo o saldo de sua conta bancária em ouro em barras e pediu para voltar para o seu ano de origem, no que foi atendido, depois de ter que molhar a mão de alguns sujeitos que controlavam a máquina do tempo.

Reencontrou vários amigos no Marreco Cinza, a taverna que freqüentava e viu que nada mudara desde sua partida. Elwin, o manco, continuava tão coxo como sempre e Godspell, tão fanfarrão como antes. Quis lhes contar os prodígios do mundo moderno. Julgou que não estavam preparados para aquilo. Talvez um homem em toda a Inglaterra o compreendesse, mas que não o perdoaria jamais por ter lhe subtraído o que seria sua maior descoberta.



# Modelos #2

Ela cheirava com uma condenada, como se a Colômbia fosse encerrar as exportações do seu produto mais vendido. As colegas já estavam preocupadas com o vício dela e avisavam dos perigos. Citavam casos de outras que, como ela, acabaram na sarjeta, sem fama e grana ou mortas por doses excessivas em moquifos do subúrbio.

Tudo tinha começado em uma festinha de embalo oferecida por algum milionário, por mera curiosidade. Várias das amigas experimentaram ou já eram adeptas convictas, e ela não via mal algum naquilo, além de ajudá-la a se manter esguia como era preciso.

No começo, ela consumia com moderação, depois de um tempo perdera o controle e metia o nariz com tudo no estimulante pozinho branco.

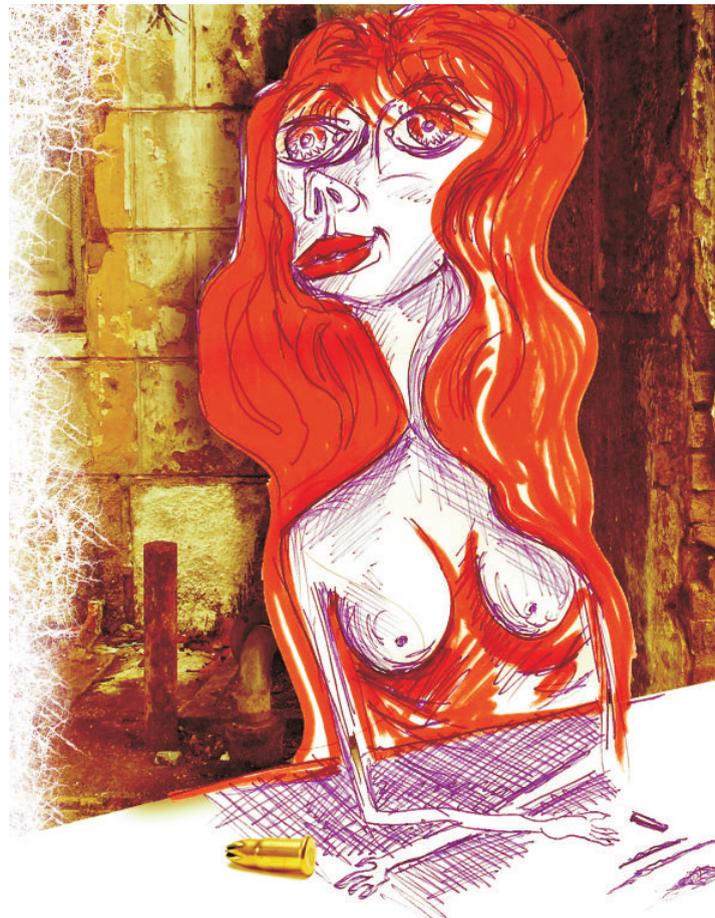
Seus conhecidos e amigos estranharam quando passou a andar com um notório traficante e adquirira um discretíssimo .22, cabo de madrepérola, em que só faltava a assinatura de um estilista famoso, e cabia com perfeição mesmo até na menor das bolsas que tinha.

Sua má fama começava a precedê-la, e os trabalhos, sempre bons e vantajosos em termos financeiros, garantindo muita visibilidade para outros tantos, começaram a ficar escassos até sumirem por completo.

Estava se tornando um caco, um verdadeiro farrapo humano para usar um chavão, sem a menor similitude com a viçosa garota que adornava perfeitamente tantas capas e passarelas. Sua magreza tornara-se assustadora, e as poucas amigas que continuaram em seu convívio a convenceram da necessidade de se tratar e ficar limpa. Aquelas mesmas garotas que, se não a haviam apresentada formalmente à cocaína, faziam esporádico uso recreativo da substância.

Depois de uma intervenção, coisa de americano, ela se viu acuada por tantos argumentos para começar o processo de reabilitação e se internou numa clínica. O namorado traficante perdeu uma das maiores clientes, apesar de vender para ela com um desconto camarada do preço de tabela. O que realmente o preocupava era que ela se constituía um verdadeiro arquivo ambulante. Todos os contatos dele. Pressionado por seus subordinados, precisava dar um jeito nisso.

Ninguém acreditou quando ela foi encontrada chorando perto do corpo do ex-namorado em seu quarto naquele spa, com a pequena pistola ainda fumegando no chão. Ela havia se livrado da dependência química, mas um mau hábito por vez e sorte dela ter o mimo mortal ainda à mão, debaixo do travesseiro de sua cama.



# Respeitem a natureza

Caso não tenham acompanhado o fim ruidoso do meu último relacionamento, foi capa de todas as Contigos, Amigas e Caras da vida por semanas, saibam que isso me deixou meio traumatizado e sem vontade de sair de casa. Malditos paparazzi, que não dão trégua, eles não sabem respeitar minha dor e se pudessem se esconderiam até no encanamento do vaso sanitário. Por isso, peço uma salva de palmas pro sujeito que inventou a teleentrega.

Precisava urgentemente sair de casa e como conseguir isso, sem atrair a multidão de repórteres para minha escapada? Combinei com um sócia meu, que sempre usava para situações de perigo, uma forma de ele despistar os abutres enquanto eu sumia disfarçado de Super-Homem pela casa do vizinho.

Ufa! Deu certo o plano. Depois que coloquei a cueca por baixo da calça, cheguei à praia caminhando e resolvi fazer uma trilha pelas pedras do costão até uma praia vizinha. Lindo, perfeito, comunhão total com a natureza como um poeta do arcadismo. Minha fama e fortuna não significavam nada para aqueles seres todos. Se bem que acho que um lagartão me reconheceu.

Cheguei, com milhares de carrapichos presos no tênis e nos pêlos das pernas, ao meu destino. A coceira tinha amenizado. Respirei o ar puro e curti um pouco aquela calma. Não tomei banho pelado por medo das fotos pararem na Internet. Isso não seria bom, agora que estou negociando meu ensaio sensual pruma revista dessas.

Era hora de voltar e vi um pedaço de cabo de enxada ou machado ou algo assim entre as pedras e peguei-o para bancar o Robinson Crusoe. Mal sabia eu as implicações desse ato tão corriqueiro.

Estava esbaforido, sem fôlego mesmo, pois tinha andado ao sol do meio-dia, pelo horário de verão parecia mais cedo. Embaixo de umas pedras perto do ponto de partida da trilha, as pedras do costão da praia A, encostei meu belo e cansado corpinho à sombra. Vi algo rolando nas ondinhas e batendo contra as pedras lá embaixo. Parecia um pingüim morto.

Era um *Spheniscus magellanicus* morto. Desde criança as figurinhas de animais que vinham no chocolate Surpresa e corpos de animais mortos me causam comoção e quase me empurraram para uma carreira na biologia. Ainda tenho a coleção e a caveira do primeiro passarinho que encontrei guardada em algum lugar.

Cheguei bem perto dele e o virei com meu cajado. Para quê? Uma criança que estava bem perto lavando no mar seu baldinho de areia e voltou correndo para seus pais ou o que me parecia um casal de israelenses bem suspeitos. Mãe, o moço matou o bichinho com uma paulada. Eu vi ele vivo não faz nem 2 minutos, disse uma outra testemunha de acusação.

Quando dei por mim, centenas de banhistas estavam na areia em volta de mim. Tinham me reconhecido e não adiantava tentar explicar a história. Para todos os efeitos, eu era o assassino do pobre animal, morto a pancadas, que por azar pegou uma curva errada no estreito de Magalhães, que nem é tão estreito assim.



Logo eu que participei de dezenas de comerciais pro Greenpeace voluntariamente (leia-se: por um cachê bem menor do que mereço) e não faria mal a um mosquito, deixo isso pro SBP (outro comercial meu).

Alguém lembrou que crime desse tipo é inafiançável. É nessas horas que dou o devido valor ao diploma de curso superior que comprei. Sabia que teria utilidade algum dia, mas não foi nesse. Vou deixar pruma próxima, num caso de sedução de menores, obviamente uma armação.

Consegui escapar dessa confusão, sempre consigo. Culpem o meu charme e carisma magnéticos. Mas a notinha no jornal no dia seguinte não foi das mais favoráveis. (Nota: demitir minha assessora de imprensa). Mesmo assim tá no meu álbum de recortes.

# Modelos #3

Para bonito eu sei que não servia. Muitas mulheres incrivelmente atraídas por mim me diziam isso honestamente, mas mesmo assim eu as devorava. Especialmente lindas modelos, de todos os tipos, as holandesas, as suecas, as heroinômanas, as brasileiras com caras e sobrenomes europeus, as brasileiras com caras de índias. Todas.

Eu adorava saber que tinha esse poder irresistível sobre quase todas as que trabalhavam desfilando ou posando para capas e editoriais de moda. Não raro eu me frustrava quando uma linda mulher me dizia que trabalhava em banco, em casa mesmo, numa loja de roupas, porém eu as traçava do mesmo jeito.

Claro que falando assim parece tão fácil quanto chegar em uma delas, ser adorável e simpático e pular para baixo dos lençóis. Nem teria tanta graça se de fato assim o fosse. Algumas exigiam muito investimento, enquanto outras eram bem mais fáceis de serem engambeladas.

Eu estava de olho em uma coisinha de 21 anos, catarinense ou gaúcha, não sei ao certo, e não que isso faça qualquer diferença. Já havia visto ela antes bem de perto, em sua festa de 18 anos e tinha colocado seu nome no topo da lista de prioridades. Só cheguei perto dela em uma única e rápida oportunidade ao congratulá-la pelo aniversário.

Desde então, eu passei a merecer um aceno discreto ou algo do gênero cada vez que a via, o que, na verdade, eram bem poucas ocorrências, quase sempre a distância, e eu sempre bem acompanhado. Já obtive favores sexuais de uma que confessara na minha cara que me desprezava, por isso minhas esperanças não se desvaneceriam com uma mulher que me acenava sempre que me encontrava.

Esqueci talvez de mencionar um dos meus trunfos para tantas conquistas, por colecionar belas garotas como se fossem troféus, almejados por muitos e raramente ao alcance do povo.

Eu tinha tempo sobrando, bem como um bocado de grana guardada em três ou quatro bancos no País e uma conta secreta num paraíso fiscal no Caribe. Não se preocupe, nenhuma delas estava abastecida com dinheiro público. Bem, só uma pequena parte. Por mais difícil que seja para se acreditar, até um cara vivaldino como eu tem certos escrúpulos e algum senso de ética, mas estou me distanciando do ponto a que quero passar.

Esse senso de escrúpulos foi insuficiente para evitar que empregasse uma tática para ter meu objetivo “comprido”, um pequeno trocadilho se me for permitido, já que ela tinha 1,78 e eu era, digamos, menor do que ela vários centímetros.

Meu aniversário se aproximava e eu ia promover um grande rega-bofe para as elites artística, econômica e política em comemoração à data e quis o destino que o dia coincidissem com a sua presença na cidade. Esse era o objetivo: eu a convidaria para minha festa e faria dela meu presente de aniversário.

Quando a confirmação de sua presença chegou, celebrei comigo mesmo essa pequena vitória tendo em mente o resto do percurso a trilhar até suas calcinhas estarem no chão do meu quarto.

Como imaginava, ela fez uma entrada triunfal, como bem diriam os tão odiados americanos *fashionably late*. Envergava um vestido azul rasgado na altura da coxa direita e os cabelos presos num coque no alto da parte de trás da bela cabeça. Calçava sapatos italianos que a faziam maior do que eu vários centímetros.

Ela veio me cumprimentar, peguei sua mão e a beijei e beijei seu rosto também. Me desejou feliz aniversário muito próxima de minha orelha esquerda e, depois de um tempo no salão, aturando convidados bêbados reclamando do Cristal 99 que era servido (veja só!?), dei um jeito de nos retirarmos para um local mais calmo.

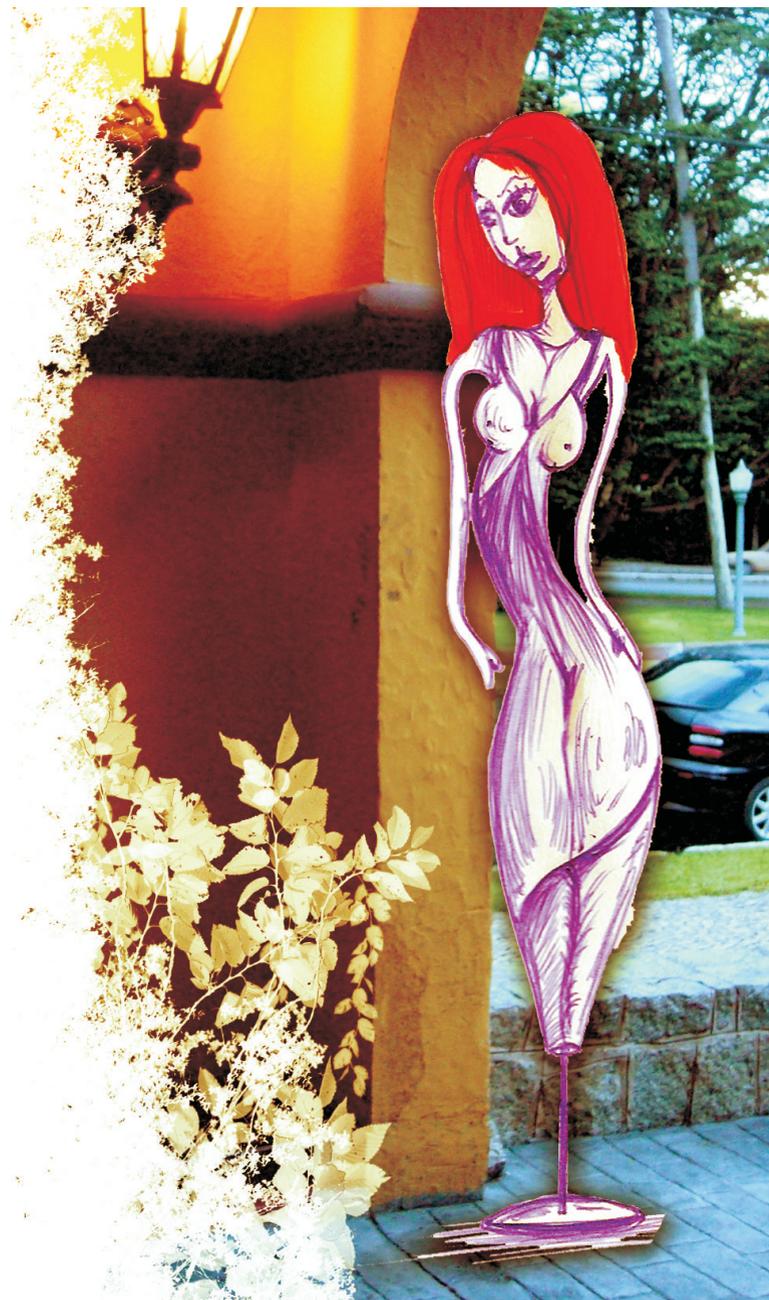
Ela apreciava a vista da cidade quase encostada no vidro da janela do meu quarto, um pouco da menina do interior ainda habitava aquele corpo perfeito, enquanto eu pendurava o meu terno e afrouxava a gravata.

Sem dizer nada me aproximei dela e beijei seu ombro, prevendo o calor de seu pescoço e então me detive especialmente em sua nuca. Sem se virar ela passou a mão pelo meu pescoço e aproximou seus lábios dos meus. O beijo foi bem menos do que eu esperava, mas a situação rapidamente escapava de meu controle, logo quem tomaria conta era a enorme vontade selvagem de possuí-la.

Vagarosamente abaixei a alça de seu vestido e logo em seguida a outra e aquela peça foi ao encontro do chão. Nua, contemplei seu corpo sem tocá-la, dando um passo para trás. Ao me aproximar, ela puxou minha camisa, abriu minha calça e com suas mãos tirou meu cacete duro para fora e se abaixou. O contato de sua língua na pontinha me arrepiou, percorreu o comprimento dele todo e lambeu minhas bolas.

Fizemos ali, no chão, e mais uma vez no corredor antes de regressarmos à festa e ela gozou em todas. Garanto que foi a melhor foda de minha vida, sem uma possível rival em eras, talvez por conseguir realizar um desejo com o mais belo espécime do sexo oposto.

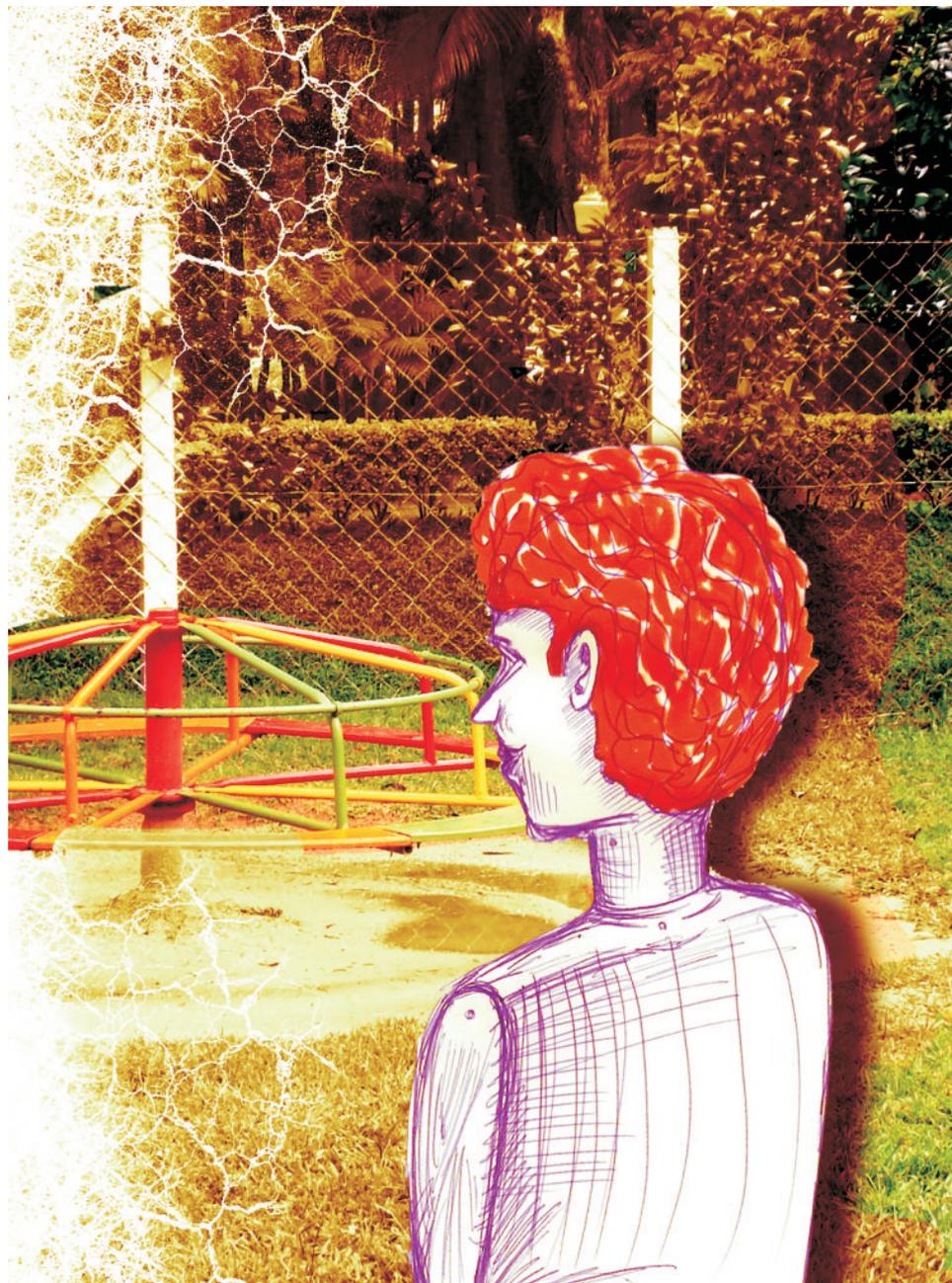
Aconselhei que entrasse antes de mim e dali conversaríamos mais como meros participantes da celebração. Fizemos um brinde cafona para mim, fingi algum entusiasmo e a festa continuava animada, muitos visivelmente embriagados me desejavam felicidades mais de uma vez.



Logo eu estaria embriagado também e bebendo champanhe do sapato esquerdo de minha mais recente aquisição que não era ela. A partir desse ponto, apenas flashes se mantêm em minha memória. Ela foi embora cedo devido a compromissos no dia seguinte e me ligaria no momento que estivesse livre. Antes de ela entrar no táxi, beijei seu rosto e desejei toda a felicidade do mundo.

Acordei com essa estranha em minha cama, pensei tê-la reconhecido de uma capa da Vogue. Empurrei-a com o pé, fazendo-a aterrissar no grosso tapete do chão. Sorte dela.

Bom dia, eu disse e perguntei se ela estava bem. Ela perguntou se tinha dormido no chão e disse que sim. Agora é hora de levantar e me preparar o café. Ela odiou ser tratada como uma empregada e falei que a gente tinha casado na noite anterior e se ela não se lembrava do fato? Ela perguntou qual era a cor do vestido de noiva que usara e eu me cansei da palhaçada e a mandei embora. Ela mal teve tempo de se vestir, e eu a toquei porta a fora, prometendo ligar qualquer dia desses.



# O encontro

Ele queria encontrar Deus. Não no sentido espiritual da coisa. Ele queria ficar frente a frente com Ele. Tinha algumas coisas que queria saber e precisa saber o quanto antes. Logo ele que não fazia sinal da cruz, menos ainda sabia rezar.

“Como é que é, vai me atender ou não vai, porra?” dizia ele em voz alta pela rua, olhando para o céu sem a menor reverência. Ele insistia, mesmo sabendo que provavelmente tinha mais chance de ser atendido com um raio por algum deus da mitologia grega.

Entrou na primeira igreja e ordenou que o padre o levasse até o telefone, cuja linha direta com Deus iria permitir falar com o Próprio e se convidar para o churrasco de domingo. Imaginou que, se nem Deus trabalhava no domingo, muito bem podia preparar um churrasquinho para aquela cambada de santas e santos que nunca concediam milagre algum e recebê-lo. Ele até daria alguma desculpa para não ter que bater um carteadado com Deus, pois, se Ele é tão onisciente, ia saber que cartas ele estava segurando e lá se ia a chance de fazer Deus ficar com o morto.

O padre explicou que era impossível o que pedia. Não havia 0800 algum que o ligasse com o SAC do Paraíso. “Quem quiser falar com Deus deve fazê-lo com o coração, orando com muita fé e convicção” foi a resposta vaga do padre.

Em casa, fuçando a sua coleção grande de bolachões, procurou a resposta em uma música do Gil. Aquela do “se eu quiser falar com Deus...” Prestou atenção na letra e nada tirou de proveitoso.





Pensou que Deus provavelmente estava em algum asilo celestial, babando no travesseiro, sendo trocado por algum anjo de pouca sorte. Aquele filho Dele era bem capaz de ter feito isso. Interná-Lo quando fizera um trilhão e meio de anos e assumido a gerência do resort, colocando Judas como o limpador de estábulos.

Fez de tudo e não foi possível conseguir uma horinha que fosse com o Divino. Já tinha até desistido daquilo, de ver e falar com o Homem lá de cima. Conformara-se com tudo, até havia pensando em morrer, havia sido um cara legal no final das contas, claro que tinha direito a uma nuvem só sua. Porém gozava de boa saúde, só se suicidando, o que automaticamente o afastaria de seu objetivo. E tinha outra: se não estivesse vivo, não veria graça alguma naquilo. O legal seria poder voltar para dizer para os amigos do bar que havia se reunido com o Todo-Poderoso em pessoa.

Estava saindo para um encontro com uma mulher que cobiçava quase que com o mesmo fervor com que se dedicava ao encontro com Deus, o telefone tocou.

“Senhor Fulano de Tal, aguarde um momentinho que o Senhor já vai atendê-lo” disse uma secretaria com a voz angelical. “Senhor? Que Senhor? Isso é alguma brincadeira?” disse ele. “Não, o Senhor quer falar com o senhor” explicou-lhe de novo a garota da voz macia.

A bela secretária vira-se para o Todo-Poderoso e diz: “Ele disse que está muito ocupado agora e perguntou-me se poderia retornar a ligação outra oportunidade”. Deus coça suas velhas barbas e pensa consigo mesmo: “Logo agora que eu convenci São Francisco a carrear um boi!”

# Modelos #4

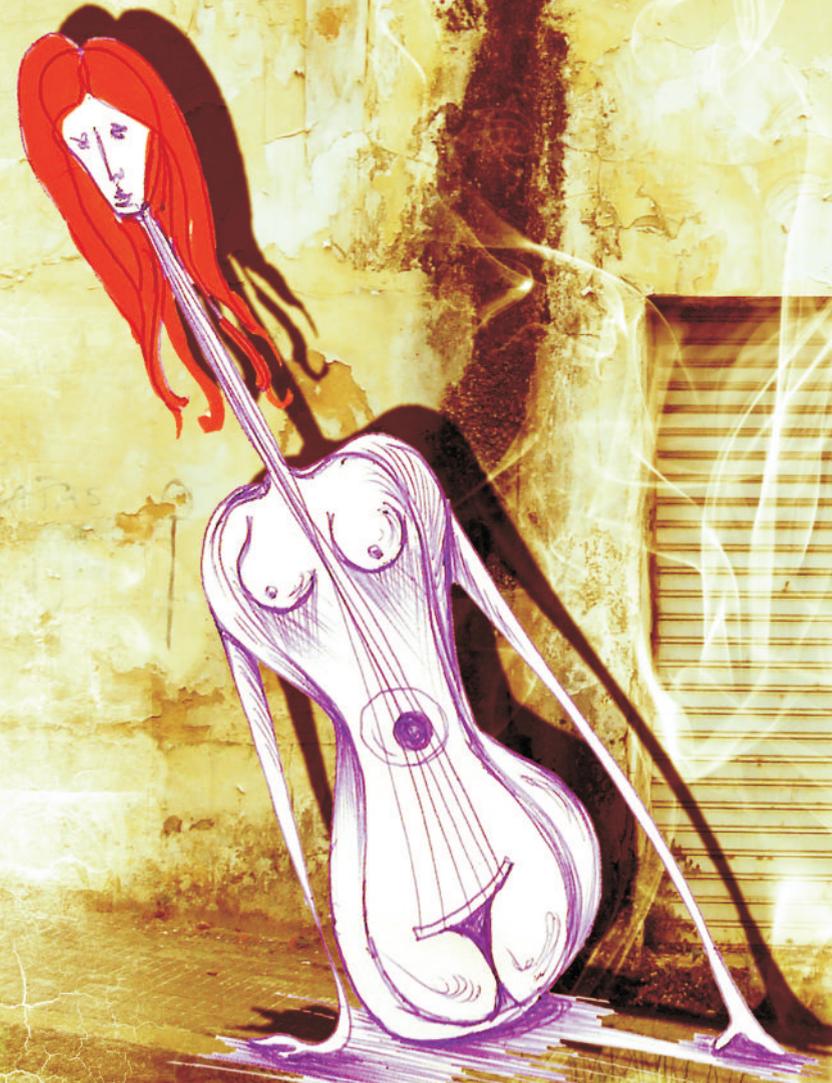
Ele era músico, e aquele jeito meio sujo que os roqueiros têm me excita. Não seria o primeiro nem o último da minha coleção. No camarim, uma loucura, tanta gente querendo entrar, e os que estavam dentro bebendo e comendo à custa da produção e querendo falar com todos da banda. Eu fiquei calma, sempre me destaco na multidão. Acredito que seja a minha beleza. Sou fabulosa, desculpa a falta de modéstia. Se não quiser ir por mim, escute os juízes do concurso mais concorrido de modelos do meu país.

Agora estou nos EUA, na final mundial do concurso. Dizem que tenho muitas chances de levar o título. Primeira vez aqui, tudo é bem diferente. Parece que tudo funciona, e os terroristas perderam.

Para amenizar a ansiedade que essas disputas causam, aceitei o convite para ir ao show dessa banda que sempre adorei. Eles não são tão velhos, mas já estão por aí há algum tempo. Acústicos, desligados da tomada gostei do que ouvi.

No *backstage*, eu estava perto duma mesa com frutas entre os outros convidados quando ele se aproximou e pegou uma maçã. Perguntou se gostei do show, disse que adorei, ele mordeu a maçã e não nos desgrudamos mais. Fomos pro hotel 5 estrelas onde estavam hospedados. Sozinhos no seu quarto, ele acendeu um baseado e me ofereceu, não obrigada. Maconha é tão *hippie*, pensei, mas não disse.

Ele ia tomar banho (nem tão sujo assim, mas ainda fiquei excitada), tirou a roupa sem cerimônia na minha frente e me chamou para entrar com ele. Fora um estágio inicial de uma barriguinha de cerveja, seu corpo era quase tão perfeito quanto o meu. Ele me despiu e começou a me beijar por tudo. Quero ver a cara dele quando eu contar que tenho 14 anos.



# A assistente da dentista

A assistente chegava sempre por volta da uma da tarde para fazer a limpeza no consultório, antes de a dentista gorda e fumante pôr-se a empregar aqueles instrumentos pontiagudos rotativos nos molares dos infelizes de dentes rotos. Esterilizava os materiais e os posicionava na bandeja ao lado da cadeira todo dia antes da primeira consulta. Às vezes, limpava as janelas com um pano, proporcionando instantâneos em posições sensuais.

Ele se posicionava na janela e, a distância, contemplava a beleza que julgava que ela possuía. A bunda era empinada, redondinha, não muito grande e os cabelos, curtos. Daquela distância, o rosto não era totalmente nítido, porém os traços pareciam bastante promissores. Talvez ela não fosse daqui, e sim de alguma cidade do interior de ascendência germânica (Pomerode?).

Levavam-no a loucura as várias posições que ela assumia ao tirar coisas de lugares baixos que nada tinham de eróticas. Quase nunca a via por muito tempo na tarde, o sol batia nos vidros da janela e ela fechava as cortinas, só reabrindo quando o sol baixava perto do fim da tarde.

Um dia, ele calculou o andar e foi até a porta do consultório da dentista gorda e fumante. A assistente veio atendê-lo atenciosamente, sem qualquer conotação que não fosse de cortesia profissional, e ele marcou uma hora, à noite, para fazer um orçamento para remoção dos sisos e ficou de voltar no horário marcado.

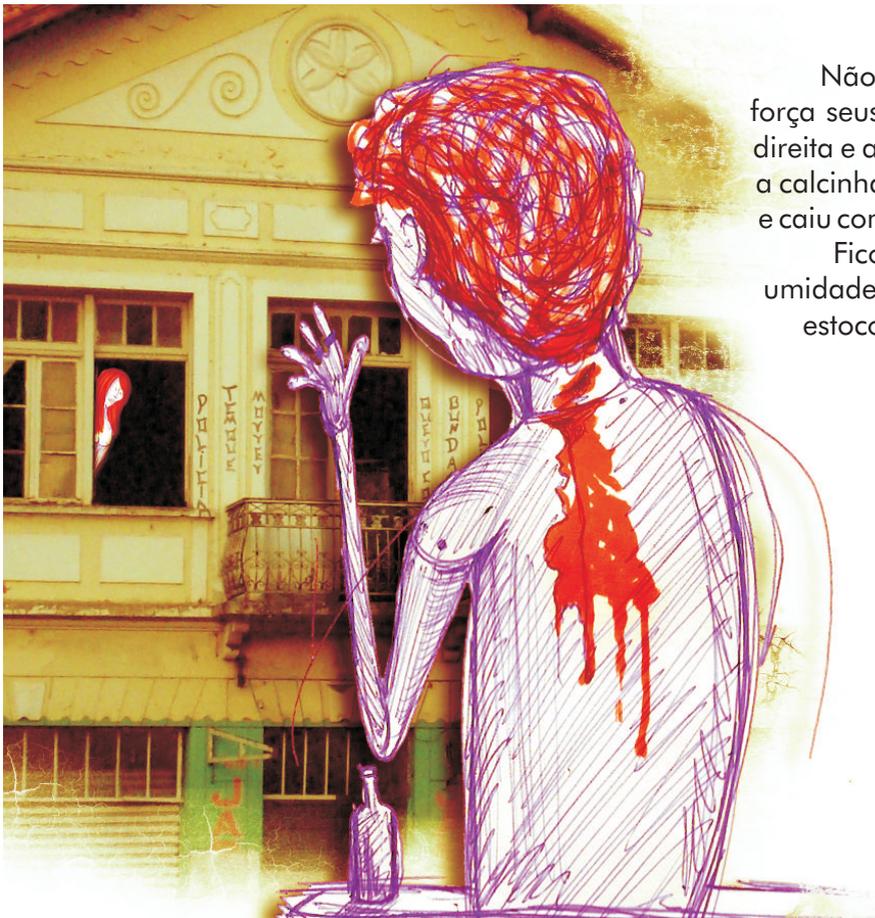
Ele já não tinha sequer um dente de siso enalacrado, incomodando as gengivas e o pretexto para ouvir a voz dela funcionara. Foi fácil desmarcar a consulta dando um desculpa qualquer. Agora ele já sabia seu nome. Ive.

Acompanhou o término da consulta do último cliente da noite da dentista pela sua janela e, quando a luz se apagou no consultório, saiu de seu quarto e foi providenciar um encontro fortuito com Ive na saída do prédio onde ela trabalhava. Esperou um tempo perto do mercado público e pegou-a saindo pela porta ampla que estava fechada à chave, sendo necessária a presença do porteiro da noite para destrancá-la.

Abordou-a gentilmente, refrescando sua memória a respeito de quem era e que lamentava que não ia poder consultar naquela semana. Os dois foram a um bar ali perto e ele pediu uma cerveja e ela, um suco de limão. Ficou intrigado pelo pedido dela. Ele falava mais do que ela e convidou-a para ir até seu apartamento.

Ao entrar, ele apontou para a janela de onde sempre a acompanhava em suas tarefas e disse: É daqui que te vejo todos os dias. Ela começou a se sentir desconfortável. Queria ir embora, tinha ido longe demais com alguém que não conhecia direito e mal lembrava o nome.

Ele a abraçou e beliscou sua bunda e disse: Do jeito que eu imaginava que seria, firme e deliciosa. Tal como John Fante-Arturo Bandini, ele se ajoelhou na frente dela e disse o quanto a desejava. E beijou-a, ela resistiu a princípio, se entregou aos poucos e não mais repelia a idéia de sentir a língua dele em sua boca. Ele sentiu os seios que cabiam folgadoamente em suas mãos por cima da roupa.



Não se conteve e tirou a blusa dela e rasgou o sutiã e pressionou com força seus mamilos. Ela gritou, ele deu um tapa com as costas da mão direita e a jogou na cama e arrancou sua calça, destruiu num ímpeto voraz a calcinha dela. Ele cheirou a calcinha e disse: Vou chupar essa bocetinha, e caiu com tudo.

Ficou excitada, queria e não queria ao mesmo tempo. Ele sentiu a umidade dela como um sinal de aprovação, afrouxou a sua calça e estocou nela com força. Várias vezes, não demorou muito e gozou.

Ele acendeu um cigarro contrabandeado do Paraguai e o cheiro da fumaça a deixou mais enjoada. Sentia-se vilipendiada com o estupro semiconsentido – observe a mente machista de uma mulher. Os pulmões intoxicados pela fumaça cancerígena de baixa qualidade que ele exalava com contentamento. Ele removeu a rolha de uma garrafa de vinho barato com a boca e ofereceu para ela num copo enquanto emborcava o líquido rubro direto do gargalo.

Quem bebia era ele, todavia era ela que experimentava os efeitos do álcool. O homem, a princípio jovem e bonito, começava a se tornar um homem de 40 e poucos anos, grisalho, até se tornar um velho acabado de 65 anos em sua frente. Ele coçava a bunda e ela se repugnava, dificilmente teria ido com alguém daquele jeito para um local desconhecido e, à medida que ele ingeria mais vinho, mais se transmutava naquele ser repelente.

Ela pediu para ir ao banheiro e iria aproveitar para tentar escapar dali antes de ele se transformar numa carcaça decrépita. Ao lavar as mãos, a torneira do banheiro se soltou, e ela usou aquele pedaço de metal para ferir o homem na nuca enquanto ele se abaixava para pegar uma cerveja no frigobar. O sangue começou a brotar do ferimento e a empapar o carpete, sobrando pouco tempo de pegar sua bolsa e fugir antes que descobrissem o que tinha feito ao sujeito.

No outro dia, ao chegar costumeiramente no início da tarde ao consultório, ela hesitou em chegar à janela. Antes de fechar as cortinas, pode notar o homem sorrindo e acenando em sua direção da janela de seu quarto no edifício vizinho.

# Modelos #5

“Merda!” ela falou sozinha no corredor do hotel. Quando foi recrutada pelo órgão de inteligência do país, pensou que não teria missões como essa. Pensou que seria uma espiã do tipo que usa seu charme para coletar informações do “inimigo”, como nos filmes. Nunca achou que iriam mandá-la para uma missão de extermínio.

O que a fez falar o palavrão foi o fato de ver uma modelo rival se esgueirando pelo corredor, bater na porta e entrar no quarto do alvo, era assim que se denominava a vítima no jargão profissional. Ela não se sentia preparada para dar cabo de uma pessoa, agora seria necessário matar duas. Se bem que aquelazinha ela mataria por prazer. Foi a maldita que um tempo atrás andou espalhando que ela tinha contraído hepatite F e estava disposta a infectar meio mundo da moda.

Tomou coragem, respirou fundo e se aproximou da porta. Abriu rapidamente com um cartão e entrou. Viu sua oponente apontando uma arma para o sujeito, que estava com as mãos para cima. Não entendeu nada do que se passava. As duas apontaram suas armas munidas de silenciador e atiraram ao mesmo tempo no alvo. Ficaram com as pistolas ainda fumegantes apontadas uma para a outra.

“O que está acontecendo?”, indagou ela. “Esse cara era meu.”

“Acontece que a agência não levou muita fé em você e me mandou pra garantir que o serviço fosse feito”, respondeu sua rival.

“Tá, Senhorita experiência em pessoa, o que a gente faz agora?”

“Agora a gente coloca o corpo na cama e se manda daqui.”

“Só isso?”

“É, ou você quer ficar mais um pouco e rezar pela alma dele?”

“Ele que vá para o inferno. Vamos sair daqui duma vez.”

Saíram do quarto, guardaram as armas nas suas respectivas bolsas, tiraram as luvas e caminharam pelo corredor em direção ao elevador como se fossem grandes amigas.

“Vamos tomar alguma coisa no meu quarto para comemorar o sucesso”, disse a rival.

“Tudo bem.”

As duas entraram no quarto luxuoso.

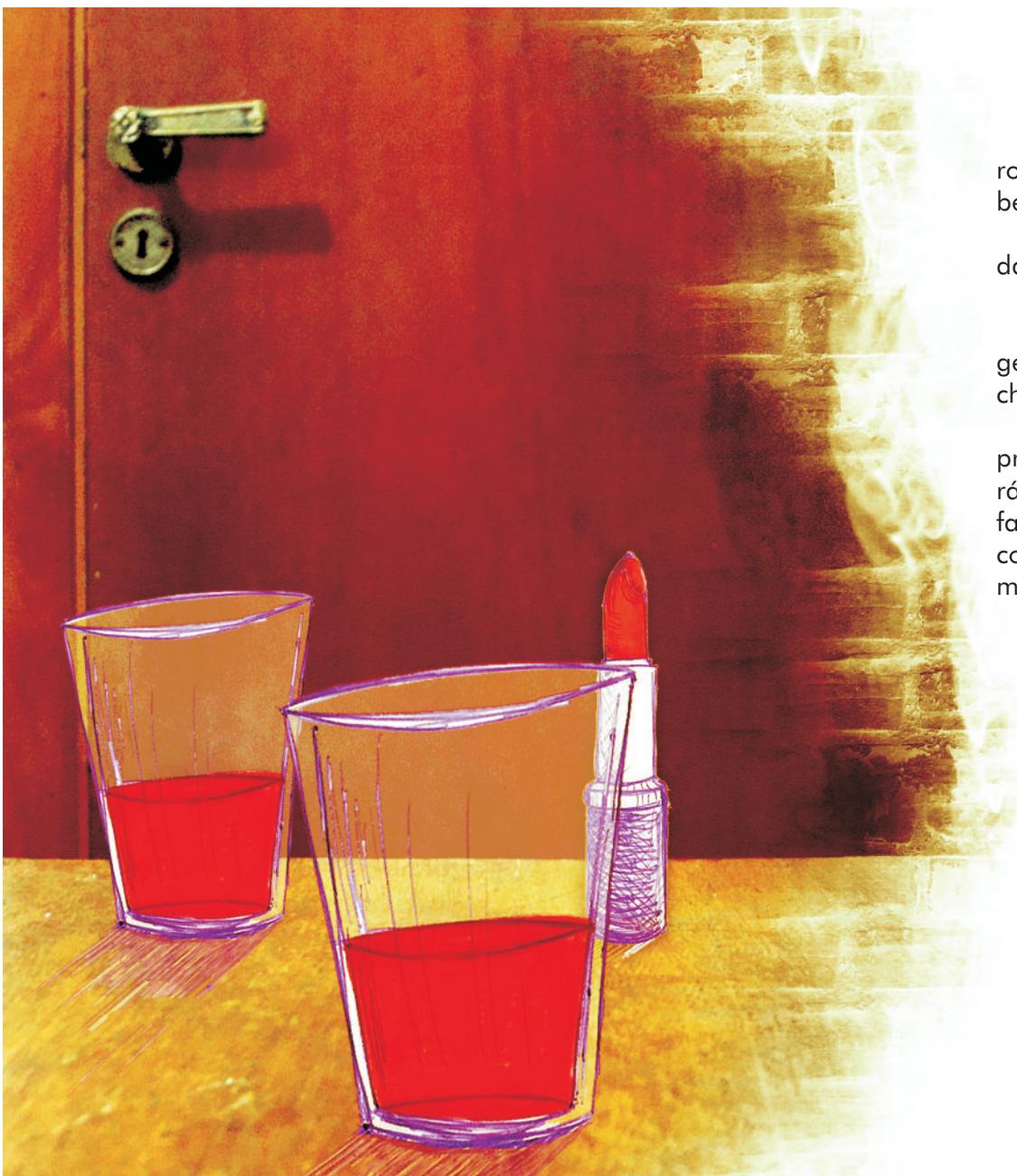
“Belo apartamento.”

“Você não está aqui também?”

“Não, estou naquele pulgueiro que é o Ritz.”

“Que pena! Vou tomar um banho.” Disse a outra, já entrando no banheiro.

“O que você quer tomar?”



"O quê?"

"Perguntei o que você vai tomar."

"Vodka."

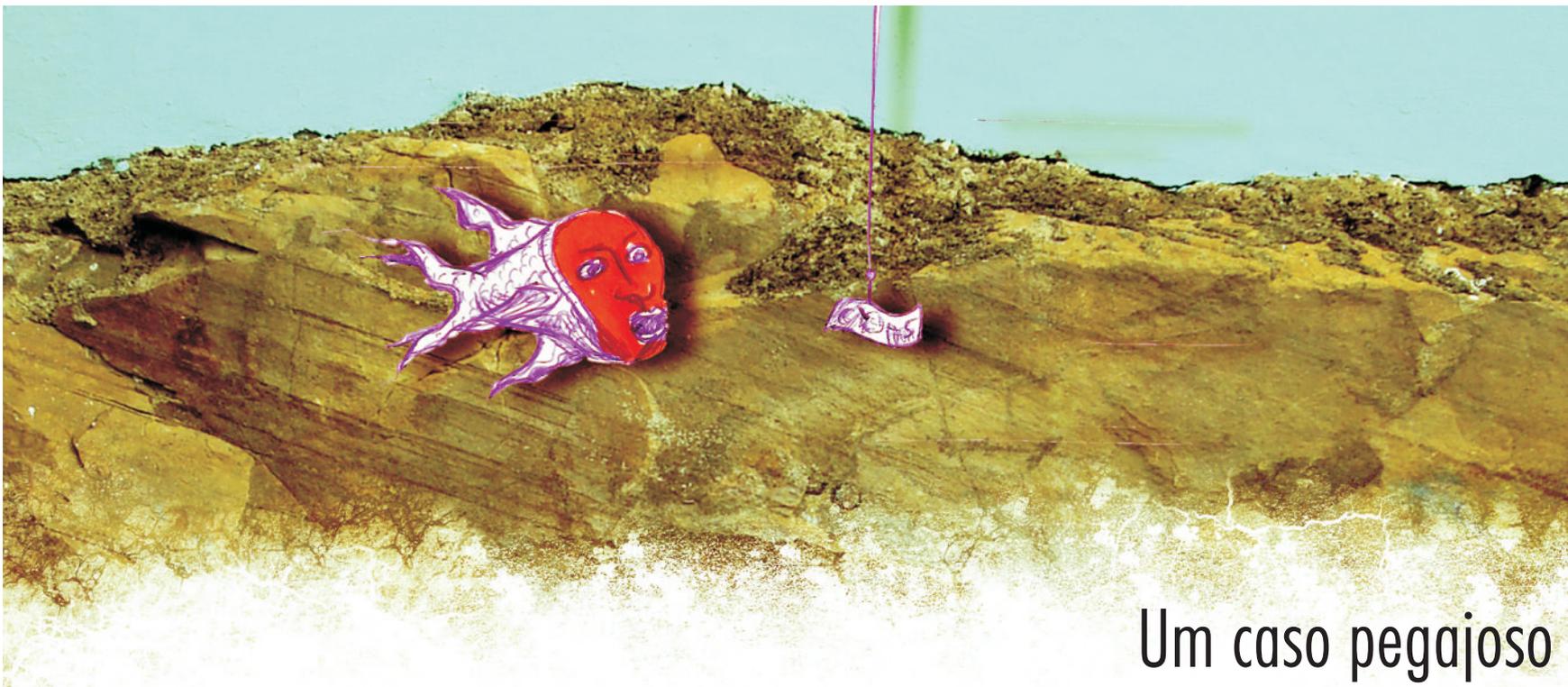
A outra saiu do banheiro, coberta com o roupão do hotel, e pegou seu copo com bebida.

"À sua!", disse fazendo um brinde e dando um gole no copo em seguida.

"À minha..."

A outra levou as mãos à garganta no gesto universal de sentir-se sufocada e caiu no chão. Morta.

"...vingança!", complementou a primeira. Aquele veneno mortal e de ação rápida seria daqui para frente a sua arma favorita. A modelo assassina saiu do quarto contente, não sem antes deixar pendurado na maçaneta o aviso de Não Perturbe.



## Um caso pegajoso

Um figurão, desses que usam um bigodinho e colecionam dossiês os mais diversos de rivais e amigos, me contratou para grampear um desafeto dele. Eu quase não aceito por uma questão de honra, ética e princípios, só que a vultosa soma em dinheiro oferecida falou mais alto.

Combinamos tudo por telefone, que ironia. Ele não veria minha cara, melhor assim, e eu receberia rigorosamente em dia pelo fruto de meu trabalho. Ele me explicou porque resolveu fazer isso, para mim tanto fazia. Eu flutuava por cima dessas questões. Nem era como se o sujeito a ter sua privacidade telefônica violada fosse um santo ou digno de confiança.

Meu maior problema na época era saber se as transcrições seriam em discurso direto ou indireto. Resolvido isso, não imaginava que agora seria impossível atender meu telefone com o receio de que fosse algum membro da imprensa, uma vez que o escândalo havia estourado.

A merda tinha batido no ventilador de verdade. E meu nome apareceu envolvido no noticiário. O majestoso tratou de me tranquilizar, disse que isso passaria. Para ele sim, que tinha passado incólume por percalços maiores na sua longa carreira política. Eu estava interessado em saber o que aconteceria comigo. Geralmente o peixe pequeno é que morre mais cedo.

Passei a ter a ligeira impressão de que era seguido regularmente e que alguém, em algum lugar, lia um relatório de minhas movimentações, inclusive quantas sacudidas deva depois de urinar e qual axila recebia o primeiro spray de desodorante.

Pensei que sofreria um atentado à minha vida, mas acho que no final das contas o frango do Ataíde é que era mortífero para qualquer um que ousasse comê-lo e como não fui o único a reclamar do Ataíde, eximi-o da parte que lhe caberia no complô contra minha cabeça.

Logo quando pensei que a coisa ia acalmar, pois tinha começado a Copa do mundo e o Brasil ainda que vencendo sem convencer tinha boas chances de chegar à final. Um procurador me procura e me diz seu plano para botar cal de vez na sepultura política da velha raposa ladina.

Fiquei de pensar na proposta de ser o herói da história, e ele me ameaçou com a Receita Federal e, como quem não deve não teme, acabei concordando com o sujeito em tomar parte de sua maquinação.

Como não sou bobo nem nada, contratei um advogado. Perguntei se tinha alguma chance de me dar bem na parada, e ele me diz que sim, se sair vivo já é lucro.

Resumo da ópera: ele renunciou, mas foi eleito para mais um mandato, meu advogado se bandeou para o lado dos herdeiros político dele e eu estou aqui em Picadas do Sul, nesse ranchinho de pescador vivendo com o que tiro do mar. A vida é boa, exceto quando bate o vento sul e meu barquinho quase vira com as benditas marolas.



# Modelos #6

Os dois tinham feito fotos juntos uma vez antes, em Milão, para as lentes do Testino e, dessa vez, em São Paulo, para uma marca famosa de roupas com um fotógrafo brasileiro de moda que prometia ir longe. A atração não tinha sido imediata, fulminante, nem costumava ser assim entre modelos, pois estavam mais do que acostumados com outras pessoas imensamente fotogênicas.

Na primeira vez que se encontraram nos intervalos das sessões nem se falaram direito, trocaram algumas poucas frases. Ambos falavam inglês perfeitamente, a única língua em comum que os unia e, nos intervalos dessa sessão, algo no clima imundo da cidade se mostrou um perfeito pretexto para conversarem.

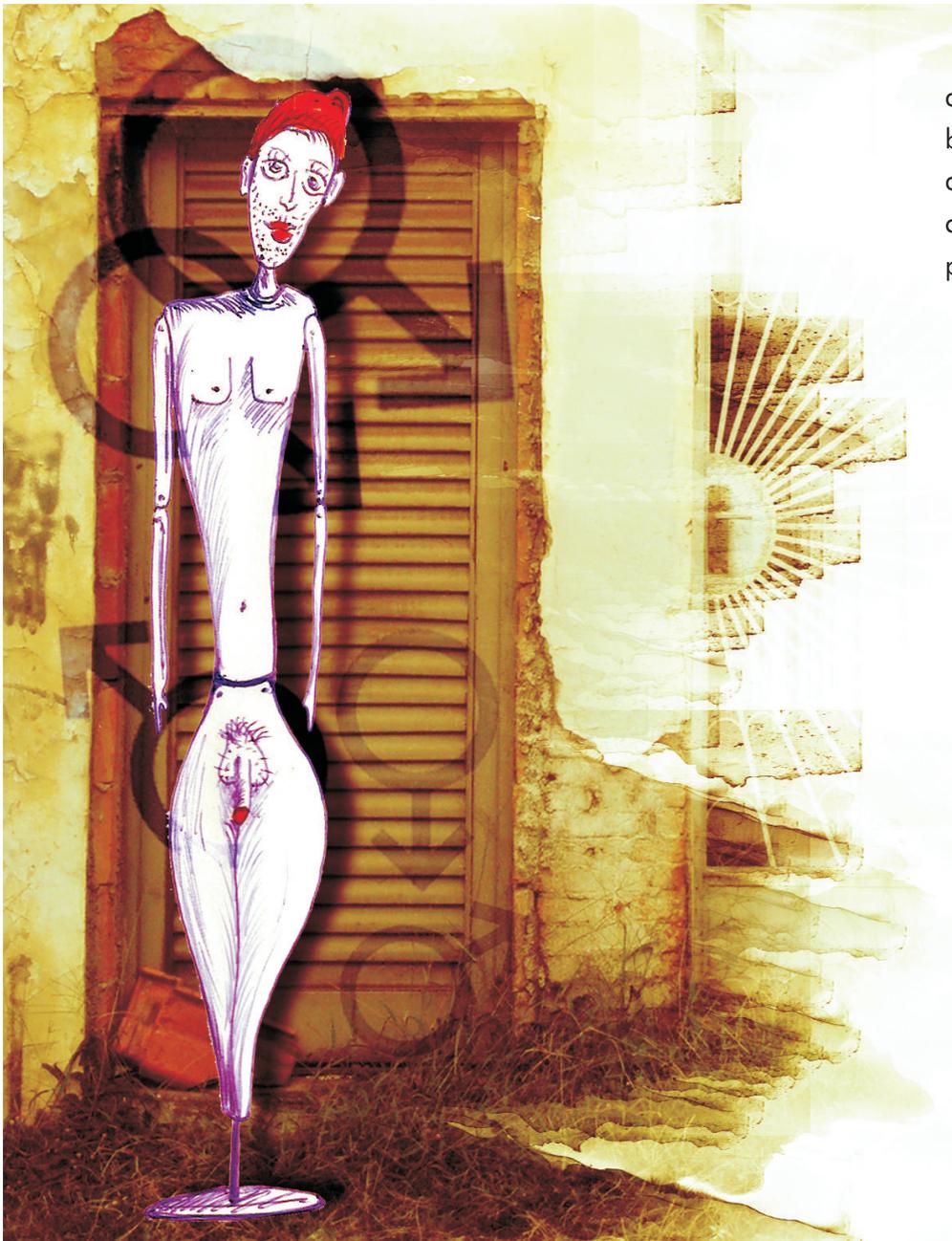
Combinaram de jantar juntos logo mais. Os longos e lisos cabelos loiros haviam chamado a atenção dele de tão bem tratados e o rosto incrivelmente delicado com a barba clara bem rala por fazer fizeram-no gemer de prazer à simples idéia do contato de seus lábios naquela parte.

Os dois eram declaradamente homossexuais e muitas das pessoas do meio sabiam desse detalhe. As poucas modelos que ainda tentavam se aproximar deles eram rechaçadas de modo cortês e descobriam a verdade cada vez mais difícil de ser mantida a sete chaves. Mas eles sempre foram discretos, era o melhor modo que eles ou qualquer outro veado em qualquer ramo de atuação deveria ter. Durante o jantar poderia se confundir com dois amigos bem vestidos e íntimos.

Quando eles retornaram ao hotel deram um tempo no saguão e depois de beberem um drinque marica no bar, subiram pelo elevador e entraram em um dos quartos e lá mesmo começaram a se beijar e se tocar. Do *ipod* de um deles, equipado com caixas de som, saía uma música climática da Bjork.

O sexo anal não é uma coisa fácil de ser praticada, o esfíncter não é tão elástico quanto a entrada de uma vagina. O ativo considerou difícil a tarefa de entrar no rabo do parceiro. Era preciso algum lubrificante, mas não estavam em um motel. Mesmo assim interfonaram e pediram KY para o recepcionista, que despachou um mensageiro até a farmácia mais próxima comprar o produto necessário aquele coito apertado.

Um deles foi atender o boy, nu, com o pênis ereto. Mesmo sem ser conservador, o sujeito achou aquilo extremamente nojento, dentre todas as coisas estranhas que testemunhara em seus anos de serviço nunca vira nada igual. Ficou perto da porta que foi fechada na sua cara sem a devida gorjeta e escutou um “Vem cá, minha putinha!” dito por um deles.



No outro dia pela manhã o que era passivo acordou sozinho na grande cama luxuosa. Foi até o banheiro para ver se encontrava seu amante lá e nada do outro. Em cima da mesa encontrou um bilhete. Leu com atenção as curtas linhas escritas num inglês primário e pensou consigo mesmo: "Homens!"

# Algumas mulheres

## **Vanessa**

Vanessa era uma morena muito gostosa, não muito bonita de rosto, mas muito gostosa. A vizinha da frente dos sonhos de todo garoto onanista. Eu falava isso pra ela e também elogiava seus peitos, que maravilhas eles eram, os dois perfeitamente simétricos e lindos. Ela ficava sem-jeito sem necessariamente ficar constrangida, parecia que gostava de me ouvir falar aquelas coisas que enalteciam o ego dela. Mudado o cenário era como se fosse a Helô Pinheiro, que não era Pinheiro e era morena nesse tempo, e eu, um velho babão cachaceiro, tecendo linhas de elogio àquele corpo perfeito que ia e que vinha. Eu a comi, muitas vezes por sinal. Preferia tê-la comido quando ainda estava noiva. O prazer teria sido redobrado. O asno não tinha a mais vaga noção da mulher que tinha e que lhe escapou por entre os dedos. Felizmente o mundo é povoado por um contingente grande de babacas. Agora ela andava no Rio, dando para atores globais e eu aqui, me virando para pagar as contas no fim do mês. Escrevia minha prosa sacana e rangava uma ou outra com essa abordagem. Ainda funcionava e me garantia carne selecionada. Mas eu pensava nela. Aqueles seios eram fantásticos, podiam ser um pouco maiores, do jeito que estavam já eram perfeitos e proporcionais. Seu rosto não era feio nem bonito, ficava bem mais próximo desse último tipo. Eu acalentava o sonho de fazer sexo com ela uma vez mais. Com ela, um homem não faz amor, faz sexo mesmo, do tipo quente, quanto mais sujo melhor, basta apenas ter calma e desarmar-lhe as barreiras. Procurei por ela no Rio, encontrei apenas:

## **Fernanda**

Uma putinha polaca que vinha de uma cidade de bosta na divisa de SC com PR. Queria me beijar. Eu não beijo putas. Ela realmente gostava de mim. E quanto a mim, eu só queria comê-la sem ter que pagar e consegui. Aquilo não estava mais funcionando para mim. Eu a comia pensando na Vanessa, que não poderia ser mais diferente dessa aqui. Tive vontade de esbofeteá-la. Fernanda, não Vanessa. Assim ela me deixaria em paz. Vanessa eu só batia quando me implorava uns tapinhas fazendo biquinho com seus lábios macios e volumosos. Na volta do Rio, sem ter feito grandes progressos para encontrar Vanessa, troquei Fernanda por

## **Lídia**

Amiga de uma amiga de uma ex, que encontrei por acaso voltando também do Rio. Tinha acabado de fazer uma revista masculina bem bagaceira. Sorte minha ela ter cheirado a passagem de avião. Sentamos juntos a viagem inteira. Em pouco tempo lá ia eu, dizendo muita sujeira em seu ouvido. Deu certo e fizemos entre os bancos do fim do corredor do ônibus quase vazio. A pele bem bronzeada era um afrodisíaco por si só, aliada à bela cara de puta cara. As horas passaram depressa. Fiquei de ligar para ela quando nos despedimos. Segui com ela por mais um tempo. Daí surgiu

## **Sara**

Uma atrizinha de talento, beleza estranha, ao contrário de Vanessa era genuinamente inteligente, muito madura para sua idade. Me fazia pensar duas vezes antes de lhe falar qualquer coisa que fosse. Nutria uma forte tendência homicida em relação ao ex-namorado, por essa razão transávamos sem, no entanto, dormirmos juntos, nem na minha nem em sua casa. Sara era intensa de uma forma que eu nunca tinha experimentado antes, demandava muita mão-de-obra e estratégias intelectuais. Um pouco de complicação faz a vida mais interessante, não obstante, superficial como sou, desisti. Foi muito interessante ter um envolvimento com ela, mas eu acabei me enrolando de novo com

## **Lídia**

Sabe como é? As coisas com Lídia não tinham terminado, apenas estavam em estado de animação suspensa, como se diria em filme barato de ficção científica. Onde eu entrava com ela não fazíamos aquela entrada triunfal, mas não chegávamos despercebidos. E quem disse que íamos nos casar mesmo? Enquanto estivesse tudo tranqüilo, sem pressão, continuaríamos nos vendo. Adivinha quem volta do Rio por minha causa?

## **Vanessa**

"Oi", ela me disse com aquela voz deliciosa pelo telefone. "Podemos nos ver? Fiquei com saudade das coisas que você me dizia."

"É de mim mais ainda, naturalmente?"

"Lógico", respondeu Vanessa.

A bem da verdade ela não havia voltado do Rio exclusivamente por minha causa. Iria passar duas semanas na cidade, e eu tinha tudo para aproveitar a curta temporada naquelas curvas. Levei-a para jantar numa pizzaria foderosa perto de minha casa. Já meio alta de vinho me pergunta se podíamos ir para minha casa. Querida, a gente já está lá. Sexo quente e devasso a noite toda. Com ela eu faria a noite toda e mais dias e noites seguidas, esquecendo o cansaço.

Seu celular tocou outro dia desses quando estávamos juntos. Era um escroto que conhecera no Rio. Ficou bastante tempo com ele ao telefone, e não pude me controlar, quando disse para ele que não estava fazendo nada e quando encerrou a ligação e me disse o nome do sujeito com um certo ar de felicidade, imaginei aquele sotaque nojento carioca do outro lado, sem pensar muito, com as costas da mão dei um tapa naquele rosto que há pouco afagara, sentindo a pele macia.

Sabia que ela não era minha, foi um choque para meu cérebro ter tanta certeza disso. Por aquele momento o controle me fugiu: lá era lá, aqui era aqui. Senti que as coisas haviam se misturado e fiquei muito possesso com isso. Quem aquele excremento pensava que era para encurtar ainda mais os poucos momentos que me restavam ao lado dela?

Desnecessário dizer que perdera de vez Vanessa. Amanhã mesmo ela voltaria ao Rio, direto para o sujeito do telefone e a culpa era toda minha. Até agora estou surpreso comigo mesmo pelo que fiz. Não era o meu jeito, nunca fui assim. Não era algo que

faria por mais raiva que sentisse de quem quer que fosse. Apesar de tudo, minha vidinha continuaria, vazia e insípida como sempre fora.

Escutando uma dessas músicas com pianinhos estilo Bacharach, senti a urgência de matar alguém, gritar e chorar. Liguei correndo para Vanessa.

"Me perdoa?"

Ela estava muda do outro lado.

"Por favor. Perdi a cabeça."

" ... "

"Se fiquei muito puto é porque eu te amo. É isso mesmo. Te amo. Não vai pro Rio. Fica aqui comigo."

"Doeu!"

"Me perdoa. Sou maluco, tarado por ti, sabe disso."

"Eu sei, mas..."

"Pelo menos me deixa te ver mais uma vez. Uma última vez."

E nos vemos uma última vez e fodemos uma última vez. Ela então se foi. Segurei o choro, afinal a vida continua.



